

## O tradicional e o popular nos ponteiros da viola: A MPB e a busca pelo “autêntico” sertão na estética da música caipira.<sup>1</sup>

CAVICHIA, ALESSANDRO HENRIQUE DIAS\*

A partir de meados da década 1960, a sigla MPB se tornou um referencial na tentativa de sintetizar a tradição e a modernidade, numa perspectiva nacionalista, embora não xenófoba.<sup>2</sup>

Com isso, a música caipira passou a ser identificada por alguns representantes da MPB como um expoente da autenticidade da expressão cultural da população do campo, ao contrário da música sertaneja, que estaria contaminada pelas influências dos ritmos internacionais que chegavam ao Brasil com grande intensidade nas décadas de 1970 e 1980.

Assim, a partir dos referenciais estabelecidos pela sigla MPB, para a relação entre tradição e modernidade, acirrou-se o embate entre música caipira e sertaneja. Alguns intérpretes passaram a tentar atender às expectativas criadas pela intelectualidade urbana ligada à MPB. Entre eles, podemos destacar especialmente a dupla Pena Branca & Xavantinho, que materializou com maestria as propostas da intelectualidade urbana das décadas de 1970 e 1980, no seu LP *Velha Morada*, de 1980. Além de suas composições próprias, eles gravaram três canções do repertório da MPB, entre elas *Travessia* de Milton Nascimento, *Disparada* de Geraldo Vandré e Theo de Barros e, alcançando maior destaque, *Cio da Terra*, composição de Milton Nascimento e Chico Buarque. Essa aproximação com a MPB foi o maior acerto da dupla, pois daí em diante eles ficariam marcados pela síntese da música urbana com a música do campo.<sup>3</sup>

Capa do long-play *Velha Morada*, de Pena Branca e Xavantinho, produzido pela gravado Warner, 1980<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Este texto, de caráter introdutório, se baseia na dissertação de Mestrado intitulada: “Do iê-iê-iê ao êê-boi”: Sérgio Reis e a modernização da música sertaneja (1967 - 1982), defendida junto ao departamento de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” Campus Franca.

\* Doutorando em História e Cultural pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Uberlândia  
<sup>2</sup> NAPOLITANO, Marcos. **A Síncopa das Ideias: a questão da tradição na música popular brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 109.

<sup>3</sup> ALONSO, Gustavo. **Cowboys do Asfalto: música sertaneja e modernização brasileira**. 2011. 520 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 352-353.

<sup>4</sup> Segue o repertório selecionado para o disco, e em que tradição pertence cada música:

01 *Velha Morada* (Xavantinho – Mestre Rezende) TOADA. / 02 *Frango Assado* (Xavantinho – Herotides de Souza) BATUQUE. / 03 *A Mãe do Ricaço* (Xavantinho) TOADA BAIÃO. / 04 *Saudades* (Xavantinho)



Fonte: Gravadora Warner, 1980.

Esse primeiro disco da dupla Pena Branca & Xavantinho estreitou os laços entre a fina cultura do campo caipira e os anseios criados pela intelectualidade urbana ligada à sigla MPB, permitindo que a dupla se opusesse esteticamente ao sucesso sertanejo dos anos de 1980 e 1990, pois, ao longo dessas duas décadas, a música sertaneja encontrava-se no topo das paradas de sucesso, uma vez que as rádios tocavam até a exaustão canções como *Entre tapas e beijos* de Leandro & Leonardo, *Evidências* de Chitãozinho & Xororó e *É o amor* de Zezé di Camargo & Luciano. Com isso, a dupla Pena Branca & Xavantinho uniu-se a Renato Teixeira e, juntos, gravaram o disco *Ao vivo em Tatuí*, fruto do show no interior paulista. No repertório, destacaram-se clássicos da música caipira como *Chalana e Rio de lágrimas*, composições dos novos caipiras como *Vide, Vida Marvada*, de Boldrin, *Tocando em frente*, de Renato Teixeira e Almir Sater, *Amanheceu, peguei a viola e Romaria*, de Renato Teixeira, e canções folclóricas como *Calix Bento* e *Cuitelinho*, além de canções de nomes da MPB, como *Canto do povo de um lugar*, de Caetano Veloso, e, novamente, *Cio da Terra*.<sup>5</sup>

Esses embates entre a autêntica música caipira e a suposta contaminada música sertaneja se acirrou ainda mais no campo audiovisual, em especial nas trilhas sonoras das emissoras de TV, pois durante as décadas de 1980 e 1990 as telenovelas com temática rural, transmitidas tanto pela Rede Globo como pela TV Manchete, mantinham suas trilhas sonoras vinculadas ao rigor estético da MPB, ou seja, as telenovelas voltadas para a temática rural utilizavam apenas canções autenticamente caipiras em suas trilhas sonoras, e muitas vezes

---

VALSA./ 05 *Cálix Bento* (Tavinho Moura) CONGADA. / 06 *Valente Caminhoneiro* (Xavantinho) TOADA NORDESTINA. / 07 *Brasil Rural* (Xavantinho) TOADA. / 08 *Pra Que Chorar* (Xavantinho) CANA VERDE./ 09 *Que Terreiro é Esse* (Xavantinho) BATUQUE. / 10 *Cio da Terra* (Milton Nascimento – Chico Buarque) TOADA. / 11 *Terno da Estrela Guia* (Raul Ellwanger – Luiz Coronel) CONGADA. / 12 *Visite o Sertão* (Xavantinho) MODA DE VIOLA.

<sup>5</sup> ALONSO, Gustavo. **Cowboys do Asfalto: música sertaneja e modernização brasileira**. 2011. 520 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói.

também contavam com seus representantes interpretando algum papel de destaque, como foi o caso de Sérgio Reis, que interpretou o peão de boiadeiro Diogo na novela *Paraíso*, da Rede Globo, e Almir Sater, que interpretou o peão Zé Trovão na telenovela *Ana Raio e Zé Trovão*, da TV Manchete.

Cabe salientar que Sérgio Reis se posicionou ante os embates entre os gêneros caipira e sertanejo de uma forma que agradasse aos dois lados, pois ao fazer a junção das letras dos clássicos caipiras com arranjos que utilizavam os modernos aparatos sonoros disponíveis no período, agradou tanto ao público consumidor da música sertaneja quanto ao da música caipira, permitindo que o intérprete alcançasse um alto número de vendas, como no compacto *Menino da Porteira* gravada em 1973, que atingiu a marca de 150 mil cópias vendidas, como aponta o periódico Folha de S. Paulo:

Depois de *Menino da Gaita*, Sérgio Reis aparece agora com seu mais novo LP. Seu compacto vendeu mais de 150 mil cópias e o LP traz um dos clássicos da música sertaneja em novo arranjo: *O Menino da Porteira*, de Teddy Vieira e Luizinho. A música teve arranjo do Maestro Élcio Alvarez, a produção é de Tony Campello.<sup>6</sup>

Dessa maneira, ele conseguiu agradar a dois públicos distintos, tanto os modernos admiradores da música sertaneja, conquistados pelos arranjos impostos às músicas, quanto os puristas defensores da música caipira, que encontravam em Sérgio Reis a perfeita síntese entre a tradição e a modernidade. Além disso, a sua transição para a música sertaneja se deu de um modo natural e contínua, o que ampliou a sua aceitação por ambos os públicos, como aponta Zuza Homem de Mello:

(...) O Tempo é que acaba determinando o acerto ou desacerto desse tipo de guinada que alguns cantores fazem em suas carreiras. Se a mudança foi tomada com naturalidade, ela é benéfica, caso de Sérgio Reis, que era da Jovem Guarda e virou sertanejo (...)<sup>7</sup>

Cabe apontar que essa junção entre música rural e elementos do *rock* como a guitarra elétrica na harmonia das canções não foi algo inédito realizado por Sérgio Reis, visto que a dupla Léo Canhoto & Robertinho<sup>8</sup> já havia realizado tal implementação na gravação de seu

<sup>6</sup> Autor Anônimo. *Menino da Gaita*. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 07 agosto. 1973. Ilustrada, p. 42.

<sup>7</sup> MELLO, Zuza Homem de. Elba Ramalho e Amelinha Vozes Alegres e Lutadoras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jul. 1982, Ilustrada, p. 17.

<sup>8</sup> A dupla Léo Canhoto & Robertinho conseguiu grande destaque no mercado discográfico na década de 1970; boa parte desse sucesso deve-se ao ufanismo que estava presente em todos os seus álbuns. Léo Canhoto, o compositor da dupla, concentrava suas composições em fazer apologias ao “Brasil Grande” tão propalado pelos

primeiro disco, em 1969, pela gravadora RCA, com produção do ex-roqueiro Tony Campello, que também produziu os discos de Sérgio Reis. As mudanças apresentadas por Léo Canhoto & Robertinho não se restringiram apenas às harmonias e aos ritmos das canções, como aponta a jornalista Rosa Nepomuceno:

O desejo de modernizar a cara da música e do próprio artista sertanejo de ser aceito pela nova classe média urbana estava escancarado. O figurino não deixará dúvidas. Eles sabiam o que queriam: desprezavam aqueles trajes mexicanos, como calças de listras e chapelão de Sancho Pança, e inauguravam um estilo, na verdade, mais exagerado, misturando trajes de boiadeiro com roqueiro. Sob as camisas berrantes de estampados psicodélicos abertas ao peito, tilintava uma profusão de medalhões e pulseiras. E os cabelos tinham crescido. Quando apareceram de motos e guitarras, Jeca Tatu cortou o dedo, picando fumo.<sup>9</sup>

Tais alterações podem ser notadas na figura apresentada abaixo:

Léo Canhoto & Robertinho



**Fonte: Boa Música Brasileira.** Disponível em: <<http://www.boamusicaricardinho.com/>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

Esse novo visual, resultante da junção da imagem do cantor jovem de *rock* da Jovem Guarda e da imagem do intérprete da música sertaneja influenciará outras duplas, tais como Milionário & José Rico, Chitãozinho & Chororó, etc.

---

ditadores. Uma das primeiras canções de Canhoto, *Minha Pátria*, gravada em 1968 por Zilo & Zalo, não deixava dúvidas: “Mostrando que a minha raça é destemida e varonil/ Quero cantar, quero gritar eternamente/ Viva, viva para sempre minha pátria, meu Brasil”. [ii] Em 1971, outra canção de título parecido, *Minha Pátria Amada*, mantinha o nacionalismo vivo: “Sou brasileiro, digo de coração/ Esta nação ninguém mais pode segurar”. Em *Soldado sem Farda*, de 1970, Canhoto comparou o camponês ao militar: “Você lavrador é um soldado sem farda/ Desta nossa pátria você é a raiz”. Em 1972, a sintonia entre camponeses e o regime era retratada na canção *Meu Irmão da Roça*: “Lavradores, vocês estão construindo/ Nossa Pátria, nosso querido Brasil”. Seguindo a linha da aliança das classes sociais e o regime, em *Operário Brasileiro* (1971), Canhoto se mostrou um entusiasta: “O militar é um soldado da justiça/ E você, meu operário, é um soldado do progresso” [v]. Na canção *O Presidente e o Lavrador*, de 1976, Leo Canhoto se mostrava respeitoso diante do chefe máximo da nação: “Excelentíssimo senhor presidente/ Aqui estou na vossa frente/ Com muita admiração”.

<sup>9</sup> NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 181.

A dupla de Léo Canhoto & Robertinho aborda em seus discos os mais variados temas, com as guitarras marcando o som, tanto das músicas *Motorista de Caminhão* ou *Vou Toma um Pingão*, como nas canções com efeitos e clichês inspirados nos filmes de *bang-bang* italianos, que estavam em alta na década de 1970, e que se iniciavam com diálogos entre heróis e facínoras, como em *O Homem Mau* e *Jack, O Matador* que foram dois de seus maiores sucessos.<sup>10</sup> Assim, quase todos os seus álbuns faziam alguma referência ao cenário de *bang-bang*, como é possível observar nas capas dos discos.

Assim, a síntese realizada com naturalidade entre tradição e modernidade por Sérgio Reis permitiu que o intérprete tanto tivesse suas canções vinculadas às trilhas sonoras das novelas como ainda atuasse na trama. No caso dos outros cantores sertanejos, apesar do assombroso sucesso alcançado por eles, em especial as duplas Chitãozinho & Xororó, Leandro & Leonardo e Zezé di Camargo & Luciano, suas produções foram mantidas fora do horário nobre da TV brasileira, pois, como bem aponta o pesquisador Gustavo Alonso, no campo musical, o “padrão Globo de qualidade” significou a incorporação da MPB às trilhas sonoras da rede, em detrimento dos “bregas”.

O padrão “educativo” de Roberto Marinho unia-se ao rigor estético da MPB como principal vitrine da emissora, pois não era considerado de “bom tom”, pelos diretores globais, expor um país “sujo”, “exagerado”, “simples” ou “banal” em suas novelas. É deste mesmo diagnóstico que padeceu, em parte, a música sertaneja, no início dos anos 1980. Chama a atenção o fato de que o processo de virtual exclusão da música sertaneja das novelas nacionais não tenha acontecido somente na TV Globo.

No caso da TV Manchete, essa emissora produziu apenas duas novelas de temática rural na década de 1990, época áurea da música sertaneja. A primeira foi uma novela de Benedito Ruy Barbosa, intitulada *Pantanal*, que fez um enorme sucesso expondo uma parte do país até então pouco conhecida por muitos brasileiros. Referente à novela *Pantanal*, foram lançados três LPS: os dois primeiros com canções de Ivan Lins, Simone, Orlando Moraes, Sá & Guarabira, João Bosco, Maria Bethânia, Caetano Veloso, entre outros artistas, todos ligados ao mundo urbano da MPB. O terceiro LP de *Pantanal* continha canções instrumentais regidas e compostas pelo maestro Marcus Viana, que faziam pano de fundo às belas imagens

---

<sup>10</sup> idem.



de paisagens pantaneiras retratadas com frequência nas gravações do folhetim televisivo para todo o país.

Os únicos músicos rurais a aparecer nas trilhas de *Pantanal* foram Sérgio Reis e Almir Sater. Segue, abaixo, a imagem dos três discos que compõem a trilha sonora da novela:

Capas dos discos da Trilha Sonora da novela *Pantanal*, da esquerda para a direita, v. 1, 2 e 3 <sup>11</sup>



Fonte: Gravadora Bloch, 1990.

No ano seguinte, a emissora repete a dose, desta vez com *Ana Raio e Zé Trovão*, outro grande sucesso que teve como um de seus protagonistas o cantor e compositor Almir Sater.

Ao longo de toda esta novela, *Ana Raio e Zé Trovão*, a TV Manchete abriu espaço para apenas uma única música de Chitãozinho & Xororó, *Cowboy do Asfalto*, um grande sucesso da dupla. Foi a única exceção. Na trilha sonora composta por dois discos com músicas nacionais, o novo gênero de Chitãozinho & Xororó ficou meio deslocado entre Chico Buarque, Lenine, Marcus Viana, Maria Bethânia, Almir Sater, Renato Borghetti, Marcus Viana, e outros. A canção *Cowboy do Asfalto*, composta Joel Marques, era usada nas cenas de

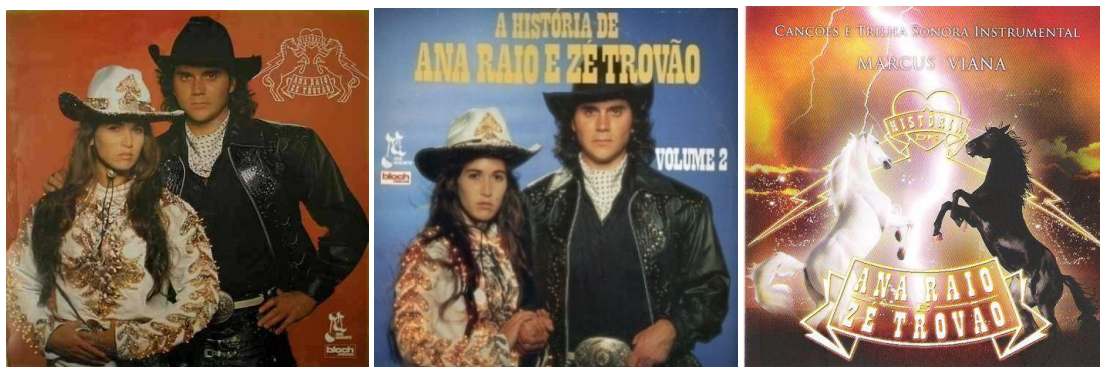
<sup>11</sup>**Volume 1:** (*No Mundo dos Sonhos/ Pepperland* - Robertinho do Recife); (*Quem Saberá Perder* - Ivan Lins); (*Apixonada* - Simone); (*Divinamente Nua a Lua* - Orlando Moraes); (*Amor Selvagem* - Marcus Viana); (*Estrela Natureza* - Sá & Guarabira); (*Pantanal* - Sagrado Coração da Terra); (*Memória da Pele* - João Bosco); (*Castigo* - Leo Gandelman); (*Um Violeiro Toca* - Almir Sater); (*Triste Berrante* - Solange Maria e Aduino Santos); (*Comitiva Esperança* - Sérgio Reis).

**Volume 2:** (*Tocando em Frente* - Maria Bethânia); (*Meu Coração* - João Caetano); (*Cantar* - Sílvia Patrícia e Caetano Veloso); (*Reino das Águas* - Marcus Viana); (*Chalana* - Almir Sater); (*Pantanal* - Sagrado Coração da Terra); (*Saudade* - Renato Teixeira); (*A Glória das Manhãs* - Sagrado Coração da Terra); (*Garça Branca* - Cláudio Nucci); (*Paz* - Sagrado Coração da Terra); (*Peão Boiadeiro* - Sérgio Reis); (*Espírito da Terra* - Marcus Viana); (*Noite* - Marcus Viana).

**Volume 3:** *Pantanal* (abertura), *Pulsações da Vida*, *Espírito da Terra*, *Onça Pintada*, *Noite*, *Reino das Águas*, *Paz*, *Respiração da Floresta*, *A Glória das Manhãs*, *Sinfonia*.

rodeio e nas viagens pelas estradas do país, situação frequente para os peões protagonistas da novela. Apesar do enorme sucesso dos sertanejos, exatamente neste período, a emissora Manchete ignorou as outras canções estouradas nas rádios populares, optando por manter o rigor estético referente à MPB, como se pode notar através das músicas eleitas para compor a trilha sonora da novela, que assim como em *Pantanal*, também é composta por três volumes. Segue, abaixo, a imagem dos respectivos discos, com as faixas que os compõem:

Capas dos discos da trilha sonora da novela *Ana Raio e Zé Trovão* da direita para a esquerda, v. 1, 2 e 3<sup>12</sup>



Fonte: Gravadora Bloch, 1990.

As incorporações dos sertanejos à programação da Rede Globo, assim como a outras emissoras, não se deu sem idas e vindas, incorporações mediadas e atritos de gosto, ficando a

<sup>12</sup>**Volume 1:** 1 – *Capim Azul* – Almir Sater, 2 – *João Balaio* – Boca Livre, 3 – *Meu Primeiro Amor* – Célia & Celma, 4 – *Valsa Brasileira* – Chico Buarque, 5 – *Cowboy do Asfalto* – Chitãozinho & Xororó, 6 – *Cavaleiros do Céu* – Denis & Demian, 7 – *As Voltas Que o Mundo dá* – Lenine, 8 – *Esperança Manhã* – Marcus Viana, 9 – *Flor de ir Embora* – Maria Bethânia, 10 – *Vale do Rio Vermelho* – Neuma Moraes, 11 – *Estradas do Interior* – Ruy Maurity, 12 – *Atrás Poeira* – Sá & Guarabira, 13 – *Raio e Trovão* – Marcus Vianna & Sagrado Coração da Terra, 14 – *Ana Raio* – Xangai

**Volume 2:** 1. *Tema Da Vida* – Marcus Viana, 02. *Hora do Clarão* – Almir Sater, 03. *Fada Madrinha* – Vanessa Falabella, 04. *Rodando o Brasil* – Marcus Viana, 05. *Marujo de Estrada* – Orlando Moraes, 06. *Pro Meu Amor* – Sílvia Patrícia, 07. *Companheira* – Ruy Maurity, 08. *Vaqueiro* – Neuma Moraes, 09. *Besame Mucho* – Sidney Magal, 10. *Maria Lua* – Marcelo Barra, 11. *Bailinho na Capela* – Renato Borghetti, 12. *Estrada de Dolores* – Goiano & Paranaense, 13. *Preciso de Amor* – Célia & Celma, 14. *Raio e Trovão* – Marcus Viana

**Volume 3:** 1 – *Raio e Trovão*, 02 – *Horizontes da Vida*, 03 – *Esperança Manhã*, 04 – *Rodando o Brasil*, 05 – *Fada Madrinha* (Instrumental), 06 – *Os Cavalos Também Amam*, 07 – *Allegro Campestre*, 08 – *Adagioso*, 09 – *Solidariedade*, 10 – *Tema da Vida*, 11 – *Esperança Manhã* (Instrumental). *Sinfonia das Montanhas:* 12 - 1º Mov. – *Saudação às Montanhas*, 13 - 2º Mov. – *O Mistério das Pedras*, 14 - 3º Mov. – *Uma Manhã de Sol nas Montanhas*, 15 - 4º Mov. – *Sinfonia das Lágrimas*, 16 – *Fada Madrinha*, 17 – *Raio e Trovão*, (Instrumental).

sensação de que o sucesso dos sertanejos deveu pouco à postura da emissora, que difundiu timidamente esse tipo de produção.<sup>13</sup>

Mas, em relação ao número de vendagem de discos alcançado pela música sertaneja e pela música caipira, os números são totalmente discrepantes. Visto que as três principais duplas de música sertaneja do período de 1970 a 1990 somam cerca de 70 milhões de discos vendidos, Chitãozinho & Xororó que venderam 30 milhões<sup>14</sup> de cópias, Leandro & Leonardo, 20 milhões<sup>15</sup> e Zezé di Camargo & Luciano, 20 milhões<sup>16</sup>. Já os intérpretes defensores da música caipira nem sequer se aproximaram desses números ao longo de suas carreiras.

Ainda cabe apontar que uma das investidas dos puristas em utilizar a MPB como referencial estético para legitimar a autêntica música caipira frente à crescente aceitação da música sertaneja, passa pela divulgação de álbuns que demonstravam como esse gênero se encaixava dentro de uma linha evolutiva da música popular brasileira, ou seja, isso já seria uma forma de se legitimar os intérpretes caipiras do período, para que eles pudessem concorrer no mercado fonográfico, visto o eminente crescimento da venda de discos de músicas sertanejas.

Como um exemplo dos álbuns que dialogam com a MPB e que tentam demonstrar essa linha evolutiva, pode-se citar o LP *Caipira: Raízes e Frutos*, de 1980, que foi lançado pela gravadora Eldorado. Tal obra tinha por intuito, assim como no caso da coleção divulgada pela gravadora Abril Cultural, introduzir ao público urbano o cenário da música rural brasileira.

O álbum *Caipira: Raízes e Frutos* possuía um caráter pedagógico, pois foi dividido em dois LPs. No disco 01 havia canções de compositores “de raiz”, considerados progenitores da “tradição” dos bons costumes e da boa música do campo, cujas músicas foram interpretadas pela dupla Mineiro & Manduzinho. O disco trazia modas de viola, cateretês, toadas, pagodes e cururus. No disco 02 destacavam-se os “frutos”, ou seja, os herdeiros da tradição caipira; entre os “frutos”, figuravam artistas novos do gênero, como Renato Teixeira, junto a nomes

<sup>13</sup> ALONSO, Gustavo. *Cowboys do Asfalto: música sertaneja e modernização brasileira*. 2011. 520 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 352-353.

<sup>14</sup> **Clique Music**. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/chitaozinho---xororo>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

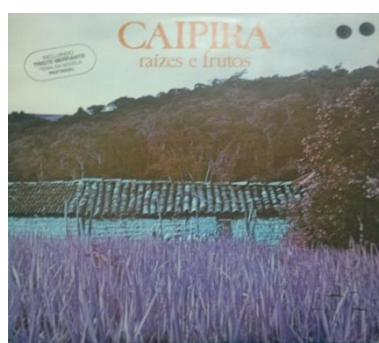
<sup>15</sup> **Rádio Terra**. Disponível em: <<http://www.radioterra.fm.br/artistas/?id=6>>. Acesso em: 12 mai. 2013.

<sup>16</sup> **Rádio Terra**. Disponível em: <<http://www.radioterra.fm.br/artistas/zeze-di-camargo-luciano>> (htm). *ailusaosefazreal.hpgvip.ig*. IG.>. Acesso em: 21 jan. 2010.



da MPB como Ivan Lins, Victor Martins, Chico Buarque, Milton Nascimento, Fernando Brant e Geraldo Vandré. A coleção aproximava a tradição urbana da MPB ao som “caipira” do campo, construindo uma linha evolutiva<sup>17</sup>. Segue imagem da capa do disco:

– Capa do long-play *Caipira Raízes e Frutos*, incluindo *Triste Berrante*, tema da novela *Pantanal* – Gravadora Eldorado – 1980<sup>18</sup>



**Fonte:** Gravadora Eldorado, 1980

Cabe ressaltar que no interior desse álbum há um texto do acadêmico Antonio Candido, autor da obra *Parceiros do Rio Bonito*, a qual é responsável pela introdução da cultura caipira nas universidades. No disco, Candido defende a autenticidade da cultura caipira frente à modernização imposta pelos centros urbanos: “Este disco põe o ouvinte no centro de um mundo cultural peculiar, que está se acabando por aí: o mundo caipira.”

<sup>17</sup> ALONSO, Gustavo. *Cowboys do Asfalto: música sertaneja e modernização brasileira*. 2011. 520 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

<sup>18</sup> No primeiro disco, *Raízes*, destacam-se as seguintes músicas:

A1) “Bombardeio” (Zé Carreiro/Geraldo Costa); A2) “Rio Pequeno” (Tonico/J.Merlini); A3) “Rei do Gado” (Teddy Vieira); A4) “Situação Encrencada” (Cornélio Pires); A5) “Toada de Mutirão Paulista” (Cornélio Pires Mineiro, Manduzinho, Adauto dos Santos e João Pacífico); A6) “Estória de um Pregão” (João Pacífico), João Pacífico, Mineiro e Manduzinho; A7) “Besta Ruana” (Ado Benati/Tonico); A8) “Couro de Boi” (Palmeira/Teddy Vieira), João Pacífico, Mineiro e Manduzinho; B1) “Carreira do Divino” (Pedro Chiquito), Pedro Chiquito; B2) “Moda da Revolução” (Cornélio Pires/Arlindo Santana); B3) “A Morte de João Pessoa” (Zico Dias/Ferrinho); B4) “Violeiro Solteiro” (Zé Carreiro/Carreirinho); B5) “Barra Pesada” (José David Vieira/Vicente P.Machado); B6) “Cruel Destino” (Carreirinho); B7) “Pagode” (Tião Carreiro/Carreirinho); B8) “Rio de Lágrimas” (Piraci/Lourival dos Santos/Tião Carreiro);

No segundo disco, “Frutos”, figuram as seguintes músicas:

C1) “Curió” (Marco Antonio Vilalba), Solange Maria e Adauto Santos; C2) “Viola Quebrada” (Mário de Andrade/Ary Kerner), Solange Maria; C3) “Ituverava” (Ivan Lins - Vitor Martins), Toninho Café, Adauto Santos e Solange Maria; C4) “Triste Berrante” (Adauto Santos), Solange Maria e Adauto Santos; C5) “Lá na Roça” (Candeia/Alvarenga), Solange Maria e Adauto Santos; C6) “Ponta de Areia” (Milton Nascimento/Fernando Brandt), Boca Livre; D1) “O Trem Tá Feio” (Tavinho Moura - Murilo Antunes), Solange Maria e Adauto Santos; D2) “Reciclagem” (Zé Geraldo), Toninho Café; D3) “Seu Eu Fosse Teu Patrão” (Chico Buarque), Adauto Santos e Solange Maria; D4) “Romaria” (Renato Teixeira), Adauto Santos; D5) “A Morte de Chico Preto” (Geraldo Filme), Geraldo Filme; D6) “Disparada” (Theo de Barros/Geraldo Vandré), Paulinho Nogueira.

O texto de um intelectual respeitadíssimo no meio acadêmico escrito para o encarte do disco junto às anedotas de Nhô Roque Lameu - que também foram colhidas por Antonio Candido - possibilitou que a cultura caipira se aproximasse da cultura letrada, do círculo intelectualizado ao qual pertencia a MPB e por quem ela era legitimada.

Assim, esse texto instruiu o ouvinte a se posicionar no debate cultural que vinha ocorrendo ao longo das décadas que antecederam a divulgação do disco. Além do texto de Antonio Candido, destacam-se, na contracapa, outras informações escritas com vistas a situar a obra corretamente, assinada pelo produtor do álbum, Aluizio Falcão, que afirma:

A idéia básica deste álbum duplo foi identificar certos traços comuns entre a música sertaneja e o trabalho dos compositores urbanos na região sudeste do país. Consideramos, ainda, que o lançamento musical também deveria servir para a difusão de informações escritas, não menos valiosas, a respeito do universo caipira em sua totalidade. Nesse sentido, o texto do Professor Antonio Candido, na parte interna desta capa, e a reprodução dos “casos” narrados por Nhô Roque Lameu, parceiro do Rio Bonito, enriqueceram admiravelmente o nosso projeto.

Optamos por uma seleção menos óbvia e mais reveladora que documentasse, nos reduzidos limites de um disco, as variadas manifestações deste gênero tão injustiçado. (...) [Trata-se de] um registro necessário de certos dados que o tempo vem apagando em nossa paisagem social objetiva, mas que estão bem guardados na comovida lembrança do povo. E o povo brasileiro, nesse trabalho, está representado pela dupla de violeiros Mineiro e Manduzinho, e pelo cantador Pedro Chiquito, de Piracicaba, acompanhados apenas por seus instrumentos, sem acréscimos orquestrais desnecessários.

O disco 2 (“Frutos”) reúne composições urbanas, de algum modo, vinculadas em nível de texto ou melodia, à temática interiorana e rural exposta no disco nº 1. (...) [Estas gravações] deixam claros sinais do que poderia vir a representar uma tendência verdadeiramente revitalizante em nossa canção nacional. Uma tendência que, sem anular estilos ou identidades autorais e sem tornar-se dominante ou niveladora, talvez contribuisse para que a nossa música popular fosse mais brasileira nos anos 80. (...) Para quem se preocupa com um maior sentido de nativismo em nossa música popular urbana, frequentemente desnacionalizada, esperamos que seja confortador verificar nas criações mais recentes de Chico Buarque, Milton Nascimento, Ivan Lins, Renato Teixeira (...) a sonoridade inconfundível das catiras, benditos, toadas, batuques, calangos e modas de viola.<sup>19</sup>

Os dois textos apresentados no encarte e na contracapa do disco revelam a preocupação dos produtores em inserir a obra numa tradição musical, no caso, a linha evolutiva da música popular brasileira.

Cabe destacar outros dois álbuns que também contribuíram para alocar a música rural brasileira dentro dessa linha evolutiva. Esses discos pertencem à coleção intitulada *Nova*

<sup>19</sup> *Coletânea Caipira, Raízes e Frutos* – gravadora Eldorado – 1980. LP

*História da Música Popular Brasileira*, lançada a partir do início da década de 1970 pela Editora Abril Cultural.

A seleção relembrada pela editora contribui para afirmações de uma memória musical da MPB, partindo de cânones já consolidados. Os discos trazem gravações de intérpretes e compositores considerados relevantes para uma historicidade da música popular brasileira, acompanhados de textos sobre a vida e a obra do músico retratado, o que legitima o elenco escolhido.

Os fascículos semanais da coleção eram vendidos em bancas de jornal a um preço acessível. A coleção foi um grande sucesso, vendendo mais de sete milhões de exemplares em três edições. A série contribuiu fortemente, graças a sua popularidade, na construção de uma memória da música popular no Brasil.<sup>20</sup>

A primeira edição da coleção, datada de 1978, é destinada à denominada música “caipira” e é composta pelas seguintes canções: no lado A, *Bonde Camarão* (Cornélio Pires) com Mariano & Caçula, *Calango* (Capitão Furtado, Alvarenga e Ranchinho) com Alvarenga & Ranchinho, *Moda da Mula Preta* (Raul Torres) com Torres & Florêncio e *Velho Candeeiro* (José Rico e Duduca) com Milionário & José Rico. No lado B destacam-se: *Menino da Porteira* (Teddy Vieira e Luizinho) com Luisinho & Limeira, *13 de Maio* (Teddy Vieira, Riachão e Riachinho) com Moreno & Moreninho, *Rio de Lágrimas* (Tião Carreiro, Piraci e Lourival dos Santos) com Tião Carreiro & Pardinho e, por fim, *Em vez de me Agradecer* (Capitão Furtado, J Martins e Aymoré) com Tônico & Tinoco. Segue imagem da capa do disco:

---

<sup>20</sup> BAIA. Silvano Fernandes. **A Historiografia da Música Popular no Brasil (1971-1999)**. 2010. 279 f. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 199.

Coletânea *Nova História da Música Popular Brasileira, Música Caipira*, Abril Cultural, 1978



Fonte: Abril Cultural, 1978.

A segunda edição, de 1983, destinada à música sertaneja, traz, do lado A *Moda do Peão* (Cornélio Pires) com Cornélio Pires, *Fogo no Canaviar* (Alvarenga e Ranchinho) com Alvarenga & Ranchinho, *Moda da Pinga* (Laureano) com Inezita Barroso, *Boi Amarelinho* (Raul Torres) com Torres & Florêncio, *Sertão do Laranjinha* (Tônico e Tinoco, Capitão Furtado) Tônico & Tinoco, *O Menino da Porteira* (Luizinho e Teddy Vieira) com Tião Carreiro & Pardinho. Em seguida, no lado B, seguem as seguintes canções: *Beijinho Doce* (Nhô Pai) com as Irmãs Castro, *Magoa de Boiadeiro* (Nhô Basílio e Índio Vago) com Ouro & Pinguinha, *Quatro Coisas* (Vieira e Vieirinha) com Vieira & Vieirinha, *Tristeza do Jeca* (Angelino de Oliveira) com Tônico & Tinoco, *Três Nascentes* (João Pacífico) com João Pacífico, e como última faixa, *Jorginho do Sertão* (Cornélio Pires) com Itaporanga & Itararé.<sup>21</sup> Segue imagem da capa do disco:

Coletânea *Nova História da Música Popular Brasileira. Música Sertaneja*. São Paulo, Abril Cultural, 1983

<sup>21</sup> Ibidem.



Fonte: Abril Cultural, 1983.

Como se pode notar a respeito da temática das músicas supracitadas, todas possuem como referência o cenário rural, religioso ou se fundamentam em uma crítica à modernidade, como no caso da música *Bonde Camarão* e *Tristeza do Jeca*. E, quanto aos intérpretes, nota-se que quase todos apresentam a típica indumentária característica do caipira, com um figurino composto por camisas xadrez, chapéu, calças e botas, como aparece nas capas e contracapas dos discos.

Assim, ao comparar os dois discos, é possível notar que apenas a dupla Milionário & José Rico, que interpreta a música *Velho Candeeiro*, que ocupa a quarta faixa do lado A do disco *Música Caipira*, não apresenta o mesmo tipo de interpretação e de indumentária que as outras duplas que compõem os dois álbuns, pois é possível constatar, a partir de uma audição atenta da música, que a dupla abole a viola da harmonia da canção, instrumento que figura como símbolo da música caipira, e que nenhuma das outras duplas que compõem os dois discos faz tal opção. Além de abolir a viola nas músicas, Milionário & José Rico ainda compõem suas harmonias musicais com guitarras e contrabaixos, algo inaceitável pelos defensores da autêntica música rural brasileira.

Isso demonstra que a Editora Abril, na seleção das canções que iriam compor os discos da coleção *Nova História da Música Popular Brasileira*, não possuía intuito algum em definir quem seriam os intérpretes caipiras e sertanejos, e quais representavam a tradicional música rural. O que se tinha em vista era a popularidade alcançada por cada um, visto que no disco destinado à música caipira, a quarta faixa é dedicada a uma dupla que detinha o recorde do número de vendas de um mesmo disco de música sertaneja, com mais de 200 mil cópias vendidas, o álbum *Ilusão Perdida*, de 1975. Já no segundo disco, de 1983, intitulado *Música*



*Sertaneja*, não há sequer um intérprete da música sertaneja, pois todas as faixas são ocupadas por clássicos da música caipira, como se nota na descrição citada acima no texto.

Com isso, observa-se que a cisão entre música sertaneja e caipira foge do julgo da Indústria Cultural, ou seja, a cisão surge a partir dos próprios intérpretes, e do público, que passa a recepcionar negativamente um gênero ou outro. Com isso, cabe apontar que a Editora Abril Cultural, apenas atualiza o termo na capa do disco, pois, entre 1978 e 1983, a música sertaneja consegue ampliar o seu público consumidor frente à música caipira.

Na construção da imagem do sertão na metrópole erigido pela sigla MPB o gênero caipira foi colocado como símbolo da autêntica cultura rural brasileira, deslocando para segundo plano o gênero sertanejo (que seria fruto da fusão da música rural com as influências estrangeiras), mas ao que tange a aceitação desses gêneros junto ao público consumidor o gênero caipira não alcançou o mesmo êxito, pois como foi apontado acima os níveis de vendagem da música caipira nem se quer se aproximava das cifras astronômicas obtidas pelos músicos sertanejos, demonstrando que o “autêntico” caipira usufruía de grande aceitação por parte do setores intelectualizados ligados a MPB, algo que não ocorria por parte do grande público que apreciava a estética sertaneja que trazia em sua temática as desventuras amorosas do eu poético que se materializava na figura do cowboy norte americano.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALONSO, Gustavo. ***Cowboys do Asfalto: Música Sertaneja e Modernização brasileira***. 2011. 520f. Tese (Doutor em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BAIA, Silvano Fernandes. ***A Historiografia da Música Popular no Brasil (1971-1999)***. 2010. 279f. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo. São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2008.

CALDAS, Waldenyr. ***Acorde na aurora: musica sertaneja e indústria cultural***. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1979

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

DIAS, Marcia Tosta. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura**. São Paulo: Boitempo, 2000.

Ferrete, J. L. **Capitão Furtado: viola caipira ou sertaneja?** Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular - Funarte, 1985.

MARTINS, Eduardo.—Pura ou não, música regional que dá prazer. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 agos. 1984. Folha Ilustrada,

MARTINS, José de Souza. —Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados| In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Capitalismo e tradicionalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1975.

MATISSE, Henri. Notas de um pintor. *In: Escritos e reflexões sobre arte*. São Paulo: CosacNaify, 2007,

MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. **Indústria Fonográfica: Um estudo antropológico**. Campinas: Editora UNICAMP, 1991.

MORGADO, Fernando. Terror e Caipira Milionário. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 out. 1981. Folha Ilustrada, p. 50.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música – história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANT'ANNA, Romildo. **Moda é viola: Ensaio do cantar caipira**, 2ª ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2009.

SILVA, Walter. Sérgio Reis acerta outra. **Folha de S. Paulo**, São Paulo 16 mai. 1975. Folha Ilustrada, p. 48.

WILLIAMS, Raymond, **O campo e a cidade: Na História e na Literatura**, São Paulo. Companhia das Letras. 2011.

ZAN, José Roberto. **(Des)Territorização e Novos Hibridismo na Música Sertaneja**. Anais do V Congresso Latino-americano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, 2004.